

Revista de Imprensa – 14.07.2025

Revista de Imprensa – 14.07.2025

Revista de Imprensa

1. ANDEBOL - Duas derrotas na despedida, Bola (A), 14/07/2025 1

2. «O rácio do que gasta o Benfica para ganhar é muito maior que nos outros clubes», Bola (A), 14/07/2025 2

3. ANDEBOL DE PRAIA - PORTUGAL FOI SEXTO, Jogo (O), 14/07/2025 4

4. ANDEBOL DE PRAIA - Masculinos vão ao Mundial, Record, 14/07/2025 5

5. Bebiana Sabino: "Gostava muito que fosse possível uma menina ambicionar ser profissional", Renascença Online, 14/07/2025 6

6. Portugal perde no Europeu de andebol de praia, RTP Online, 14/07/2025 11

7. Campeonato Europeu Universitário de Andebol joga-se na Covilhã entre os dias 22 e 28, Rádio Clube da Covilhã Online, 14/07/2025 12

CISION

A BOLA

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 78,68cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 26

ID: 118167224 14-07-2025



ANDEBOL



JOZO CABRAJA / KOLEKTIFF

Seleção masculina foi 6.ª no Europeu

Duas derrotas na despedida

Seleção masculina terminou em 6.º lugar e a feminina em 10.º no Europeu de andebol de praia

Portugal despediu-se do Europeu de andebol de praia que se realizou na Turquia com duas derrotas.

Na discussão do sexto lugar, a formação masculina perdeu com a França por 1-2 mas garantiu o bilhete para a 12.ª edição do Campeonato do Mundo de andebol de praia, no próximo ano na Croácia.

Em femininos, as portuguesas também não tiveram sucesso frente à Suécia na partida que valia o 9.º lugar na classificação final e foram derrotadas por 1-2, tendo ocupado o 10.º posto e ficando, por isso, fora do próximo Mundial.

As duas seleções vão agora marcar presença nos *The World Games*, um evento que acolhe modalidades que não estão incluídas no progrma olímpico, e que vão realizar-se em Chengdu, na China, de 7 a 17 de agosto.

CISION

A BOLA

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 1367,07cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 16-17

ID: 118167218 14-07-2025



Francisco Alves Tavares



«Na área da liderança, se não tivermos estas crenças e regras coletivas, reina a anarquia

«O rácio do que gasta o Benfi é muito maior que nos outros

Rui Lança lançou novo livro e deixa olhar sobre o desporto na Arábia Saudita e também sobre a atualidade do clube que não correu bem», aponta o atual diretor desportivo das modalidades do Al- Ittihad, que diz que o emblema en

Rui Lança é professor, autor e diretor-desportivo das modalidades do Al-Ittihad, da Arábia Saudita, cargo que também desempenhou no Benfica. Em entrevista a A BOLA, fala sobre a nova obra, *A Fórmula Invisível*, o impacto da cultura organizacional no meio do desporto e deixa também uma análise à forma como se vive o desporto na Arábia Saudita e à atualidade do clube da Luz.

— Lançou recentemente o novo livro, A Fórmula Invisível. Fale-nos um pouco dele.

— É um livro que reúne um conjunto de entrevistas que fui realizando. Tentei abranger várias modalidades, várias áreas, em inteligência, *scouting*, preparação de jogos. Tenho duas pessoas ligadas ao futebol masculino e feminino dos Estados Unidos, tenho também diretores desportivos de Inglaterra, Sevilha, Barcelona. Acima de tudo, tento ir ao encontro de uma ideia que tenho: muitas vezes, no desporto, falamos de orçamentos, jogadores, dos melhores treinadores, e eu fui acreditando, até pelo meu percurso e experiência profissional — tendo estado ligado ao futebol profissional, ainda que numa experiência curta, mas muito interessante, na Primeira Liga, com o Vitória de Setúbal — que os melhores projetos, como dizia o Pedro Marques, do Liverpool, no livro, são os mais robustos. Creio que essa é a palavra mais interessante no meio disto tudo: robustos. Projetos que aguentam a tal *pancada*, as derrotas, muitas vezes apostam em coisas que não se falam. Por isso, é uma mistura entre a minha experiência profissional e as opiniões pessoais, juntamente com as 18 entrevistas realizadas.

— Há uma frase que disse numa entrevista recente: «deve jogar quem mais merece jogar, e não necessariamente quem é o melhor». Como se faz isso numa indústria virada para os resultados?

— Lembro-me de uma entrevista, há muitos anos, quando o Paulo Bento era selecionador nacional, em que tocava nesse ponto. Ele dizia que há poucos jogadores que fogem à regra, mas que temos de ter uma regra. Caso contrário, é uma anarquia. E essa regra, no desporto de alta competição, deve ser que joga quem mais faz por merecer. Claro que há exceções. Há jogadores como Messi, Ronaldo, Zidane — jogadores que, mesmo fora de forma, continuam a decidir jogos. Mas na área da liderança, se não tivermos estas crenças e regras coletivas, reina a anarquia. Os jogadores deixam de sentir uma orientação clara. Vai ao encontro da meritocracia: se esta não existir, não há projeto desportivo sustentável. É verdade que o resultado é a coisa mais importante — talvez 90% da equação —, mas se deixarmos que seja sempre assim, então não vale a pena ter regras ou dinâmicas. Quem tiver talento vai sentir-se descomprometido.

— Um exemplo da mudança de paradigma é o caso do PSG, com Luís Campos.

— Das conversas que tive com ele, alguém com quem tenho o prazer de trocar mensagens de vez em quando, há claramente uma mudança de paradigma. Se ele é 100% responsável? Nunca saberemos. As vitórias têm muitos pais, as derrotas só têm um. Mas há mudanças claras em dois aspetos: a cultura organizacional e o perfil dos jogadores. Passou-se de um clube com uma certa soberba, que procurava apenas os reforços mais caros, para uma equipa onde a equipa vem em primeiro lugar. Essa mudança começa pelo diretor desportivo, mas também pelo treinador. É a tal ideia de *a fome juntar-se à vontade de comer*: ambos partilhavam essa filosofia. O grupo parece hoje muito mais focado no desenvolvimento e no rendimento coletivo, mais do que nas estrelas. Os jogadores são muito bons, mas têm um *mindset* mais coletivo.

«Se não existir meritocracia, não há projeto desportivo sustentável»

— Como é que se alia a necessidade de vencer dos clubes às exigências de fazer dinheiro promovidas pelos donos destes?

— Todos os clubes querem ganhar. Mesmo o último classificado quer ganhar todos os jogos. Mas há posicionamentos diferentes. Na liga, por exemplo, há quatro ou cinco clubes genuinamente candidatos ao título. E há projetos que funcionam melhor porque quem os compra percebe a cultura do clube. No Liverpool, não basta ganhar, é preciso jogar bem. Hoje, o Liverpool tem um modelo muito bem gerido, com uso de inteligência artificial para encontrar padrões, selecionar treinadores, definir perfis de jogadores. E mesmo ganhando, há lutas internas. Porque nem toda a gente está feliz só por ganhar — há quem queira ganhar à sua maneira. Esse equilíbrio, entre investimento e rendimento, é um processo de médio/longo prazo. Se houver urgência em ter tudo para ontem, há passos mal dados. O Liverpool tem hoje um método muito alinhado entre investidores e cultura do clube. Contratam pessoas que conhecem o contexto do país, do clube, e que operam com competência e meritocracia. Caso contrário, reina a anarquia.

— Na Argentina há o caso de Lionel Messi. Sem a figura de Messi, seria possível a Scaloni, com quem também falou, fazer o que se fez?

— A resposta é que sim, mas seria uma dinâmica diferente. Como no caso de Ronaldo. Às vezes, nós, de fora, não percebemos. Mas quando os colegas aceitam esses jogadores como líderes e os admiram, é porque eles mostram muito mais do que vemos. Muitas vezes, nós, adeptos, falamos sem nunca ter visto um treino. Na Argentina, o mais interessante foi ver um grupo de jogadores que já ganhou tudo — Di María, Otamendi, jogadores

CISION

A BOLA

Meio: Imprensa **Âmbito:** Desporto e Veículos
País: Portugal **Period.:** Diária
Área: 1367,07cm² **Pág:** 16-17

ID: 118167218 14-07-2025



Rui Lança falou com A BOLA nas Torres de Lisboa, numa entrevista conduzida pelo jornalista Francisco Alves Tavares

ca para ganhar s clubes»

da Luz. «Este ano, se calhar, há um conjunto de decisões carnado «é um camião TIR muito complicado de guiar»

do Real Madrid e Liverpool — chegarem à seleção e jogarem como se fossem *rookies* [*novatos*]. Como se precisassem daquilo para serem reconhecidos mundialmente. O Guardiola já falou disto: é difícil motivar jogadores que já ganharam tudo. A grande vantagem da Argentina — e de Scaloni — é que a seleção tem uma causa, um propósito: jogar pela pátria. Muitos selecionadores queixam-se de que os jogadores já não se motivam nas seleções. No caso da Argentina, existe clara motivação nacional.

— Como chegou o convite da Arábia Saudita para ir para o Al-Ittihad?

— Falando agora da minha vida na Arábia Saudita: fui convidado para o Al-Ittihad para ser diretor desportivo das modalidades. O futebol cresceu muito por lá. Mas a importância das outras modalidades não cresceu na mesma proporção. Antes da chegada das estrelas, a Arábia já era presença regular em Campeonatos do Mundo, e já venceu várias vezes o Campeonato Asiático. O projeto do futebol não é só desportivo — é também turístico. A presença de grandes jogadores e treinadores é uma forma de atrair visitantes. Quanto ao resto do desporto, a Arábia pretende organizar os Jogos Olímpicos, e há necessidade de preparar o país para isso. Têm vantagens: recursos financeiros, uma população jovem — a maioria são crianças. Mas têm pouca cultura desportiva, e é preciso trabalhá-la. Os desportos coletivos mais importantes são o basquetebol, andebol e, noutras zonas, o voleibol e o futsal. A seleção saudita de basquetebol, por exemplo, está próxima da portuguesa no *ranking*. E como jogam no continente asiático, competem com potências como Japão, China, Austrália e Nova Zelândia. A política desportiva está em apostar em modalidades individuais, onde é mais fácil alcançar resultados rápidos. Colocam atletas em academias de topo, como a do Rafael Nadal ou nos EUA. Se encontrarem talentos e os desenvolverem fora, podem ter resultados mais rapidamente. Mas, à boa maneira da região, querem resultados imediatos. E aí pode haver choque cultural: o desporto exige tempo. Veja-se o exemplo de Londres 2012, onde o sucesso olímpico veio após muitos anos de trabalho. Esse é o risco: impaciência e despedimentos rápidos. Um problema que também conhecemos bem em Portugal.

— A centralização dos direitos televisivos é a forma de conseguir equilibrar o poder de todos dos clubes?

— Mesmo que seja, não é o início da resolução dos problemas, porque creio que se houver mais dinheiro, se houver uma melhor distribuição, mas ele depois for mal aplicado, vai dar ao mesmo. Ou seja, entre o gastar muito mal e o gastar pouco mal, no final do dia estamos a gastar mal. Creio que terá de haver logo um *mindset* diferente daquele que é o do gestor dos clubes. Se for a solução, será só em 2028, por isso ainda há aqui um hiato de uma ou duas épocas desportivas em que cada clube, de alguma forma, vai ter de perceber como pode sobreviver a isso. Em Portugal, ao contrário de outros países, como a Bélgica ou os Países Baixos, temos três clubes que agrupam uma grande percentagem — para não dizer quase a totalidade — dos adeptos. Isso, efetivamente, traz desvantagens para os outros clubes todos na questão da negociação, na questão da comparação, de arranjar patrocínios para as camisolas, etc. Por outro lado, há clubes que se calhar queixam-se pouco e tentam rentabilizar quando recebem esses clubes, porque é um momento da época onde podem, efetivamente, faturar, gerar mais receita. Nós não vamos conseguir mudar isto, pelo menos de

«Centralização? Se houver mais dinheiro, mas for mal aplicado, vai dar ao mesmo»



forma tão rápida. O SC Braga, na minha opinião, tem feito um projeto muito interessante, quer no futebol, quer no futebol feminino, quer nas modalidades, e se calhar tem de se olhar um pouco para isto. Eu sei que é algo que não se consegue mudar, não é positivo para alguns dos clubes chamados não grandes ou mais pequenos, mas, efetivamente, há uns que choram menos e outros que se calhar olham muito mais para a solução, para encontrar pontos de equilíbrio. No dia em que o dinheiro passar a ser bem distribuído, isso não quer dizer que todas as pessoas que passem a ganhar um pouco mais vão conseguir agir corretamente. Se não tiverem formação, se o *mindset* não for correto, vão fazer exatamente o mesmo que fariam, que é gastar mal e, por isso, também vai ser interessante perceber o pensamento de *'ok, agora temos mais dinheiro, o que é que vamos fazer com isto?'* Porque não é só um problema de *mindset*, é de cultura, de vida social, de hábitos diários.

— O Rui esteve cinco anos e meio no Benfica enquanto diretor das modalidades. Como é que olha para o panorama das modalidades encarnadas neste momento? O investimento parece não estar a resultar em troféus, o que é que se passa na Luz?

— O Benfica não joga sozinho e é um conjunto de decisões que são feitas no dia-a-dia, que muitas vezes têm a ver com prioridades, têm a ver com aquilo que é a cultura que se quer aplicar no dia-a-dia das pessoas. Ou seja: muitas vezes conseguimos recolher algumas coisas que não semeamos e, às vezes, o destino faz-nos algumas partidas e nós colhemos aquilo que semeamos... Não quero estar a detalhar muito, mas efetivamente há um tipo de política que foi aplicada, há um conjunto de decisões que foram tomadas. Este ano, se calhar, há um conjunto de decisões que não correu bem, não foi por falta de algum «aconselhamento» no sentido de não ser a melhor forma de alcançar o objetivo final para um clube como o Benfica, que é sempre vencer, tal como é o do FC Porto ou do Sporting. Muitas vezes, os fins têm de justificar os meios. Não ganhando, as pessoas depois têm de tirar as suas dúvidas e conclusões...

— Acredita que estes resultados podem influenciar a candidatura de Rui Costa nas eleições de outubro?

— O Benfica é um camião TIR muito complicado de guiar. Os dias que faltam até outubro vão ser muito longos, porque não vai haver, ainda por cima, uma pausa normal. Não vai haver muito tempo para se poder analisar as coisas com o devido tempo. O receio que tenho é que isso possa ser utilizado como desculpa, exatamente para não se fazer essa reflexão. Agora, acredito que, até outubro, vai aparecer muita notícia, vai haver muito debate. Se fizermos sempre as coisas da mesma maneira e esperarmos resultados diferentes, não vai dar. Mas, também, se queremos coisas excecionais, vamos ter de fazer coisas que nunca fizemos. Rui Costa, neste caso, porque é o presidente do Benfica e todos os outros que vão aparecendo e que vão dizendo que vão sendo candidatos, têm claramente de analisar o melhor contexto e aquilo que é necessário fazer para obterem coisas diferentes. O rácio daquilo que é investido para gerar troféus é muito, muito, muito elevado comparado com outros clubes. Acho que isso devia ser logo o primeiro fator de análise, porque é uma coisa matemática. O dinheiro que é investido para que se atinja um resultado é muito maior do que noutros clubes que competem diariamente. E isso é algo que devia desinquietar algumas pessoas. Quando as pessoas ficam um bocadinho chateadas, mas passado cinco, 10 minutos está tudo igual... acho que tem de ser mais além disso. A pessoa deve ficar inquieta pelo facto de ter de gastar mais dinheiro para gerar um troféu.



Rui Lança com Rui Gomes da Silva, antigo dirigente do Benfica

CISION

O JOGO

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 20,3cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 27

ID: 118167216 14-07-2025



ANDEBOL DE PRAIA

PORTUGAL FOI SEXTO

Portugal terminou em sexto lugar em masculinos e em décimo em femininos o Campeonato da Europa de andebol de praia, despedindo-se com duas derrotas das areias turcas de Alanya. Apesar do desaire com a França (2-1), no shoot-out (desempate por penalidades), a seleção masculina sai da Turquia qualificada para o Mundial, que vai decorrer na Croácia, em 2026.

CISION

Record

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 49,88cm²
Âmbito: Desporto e Veículos
Period.: Diária
Pág: 26

ID: 118167497 14-07-2025



ANDEBOL DE PRAIA

Masculinos vão ao Mundial

As Seleções despediram-se do Europeu de Alanya (Turquia), com dupla derrota no derradeiro dia. O próximo compromisso serão os Jogos Mundiais (7-17 agosto), em Chengdu, na China. Em masculinos, Portugal perdeu (1-2; 21-14, 14-15, 16-17) com a França e foi 6º, apurando-se para o Mundial'2026. Já a Seleção feminina perdeu (1-2; 16--19, 19-16, 6-9) com a Suécia e foi 10ª, falhando a qualificação para a mesma prova. **A.R.**



FAP/JOZO CABRAJA/KOLEKTIFF

Portugal perdeu com França

Bebiana Sabino: "Gostava muito que fosse possível uma menina ambicionar ser profissional"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 14/07/2025

Meio: Renascença Online

Autores: Carlos Calaveiras

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=eb6c47a3

Capitã de andebol termina carreira aos 38 anos, recorda os momentos do caminho, do muito que alcançou e do muito que espera que o andebol feminino evolua em Portugal.

Foram quase 20 anos a jogar andebol, mas Bebiana Sabino vai agora deixar de jogar, aos 38 anos. Vários títulos - e uma participação num Europeu - depois, a capitã da seleção passa a bola às novas gerações.

Em entrevista à Renascença, Bebiana Sabino acredita que há qualidade para manter a equipa das quinas nos grandes palcos, mas deixa dúvidas sobre se o caminho deve ser obrigatoriamente a profissionalização do desporto feminino. Lembra a antiga pivô que uma carreira dual poderá perfeitamente ser a solução, mas com condições.

Final de carreira aos 38 anos. Foi uma decisão difícil?

Sim, foi uma decisão bastante difícil, ponderada, mas difícil. O andebol fez sempre parte de toda a minha vida, desde que me lembro, praticamente. Portanto, é uma decisão difícil tirarmos um pouco de nós. Mas tinha que acontecer e achei que este seria o momento indicado para fazê-lo.

Quase 20 anos a jogar. No balanço, não correu mal: seis Campeonatos Nacionais, dez Taças de Portugal, nove Supertaças...

Sim, sim. Se olharmos para o balanço competitivo, digamos assim, claramente que não correu mal, com vários títulos. Acima de tudo, sempre com uma grande satisfação de estar em competição. O desporto dá-nos isso, mas também nos dá outras valências que levamos para a vida. Mas, sem dúvida, que os títulos ganhos no desporto de alta competição são aquilo que se ambiciona.

Por isso é que eu fiquei ainda mais tempo em permanência a jogar porque títulos nacionais já os tinha, mas conseguir também ir ao Campeonato da Europa pela seleção era um objetivo e, por isso, é que também mantive tanto tempo a jogar, era um objetivo desportivo que também foi alcançado.

Como sénior foram dois clubes em Portugal: Colégio de Gaia e Madeira SAD

Sim, sim. Eu iniciei a minha caminhada a sério no clube que vinha também já da formação, que foi no Colégio de Gaia. E depois, à época, o Madeira SAD era a equipa em Portugal com um cariz mais profissional e decidi fazer essa transição.

Foram anos muito bons também no Madeira SAD, com desafios interessantes. Eu era jovem e esta transição para aquilo que era um contexto mais familiar do Colégio de Gaia, para algo com um profissionalismo mais acentuado foi um desafio interessante à época e permitiu-me crescer muito. Foi muito bom e aprendi muito em ambos.

Também passou pelo estrangeiro, 1º Agosto, de Angola. É importante ir para fora?

Eu, infelizmente, sou de uma geração em que fazer uma carreira no desporto, sendo mulher, era algo muito complexo, não era algo que estava instituído na sociedade. E, portanto, numa fase em que eu estava ainda a estudar, surgiu a possibilidade de, antes de ir para o Madeira SAD, ir jogar para fora. Do ponto de vista familiar não tive esse apoio porque o importante era eu terminar os meus estudos e isso é que seria a minha profissão e não o andebol.

Foto: Georgios Kefalas/EPA
Mas chegou a ir...

A possibilidade de jogar em Angola surgiu a meio do meu percurso: estava no Madeira SAD e o campeonato em Angola disputa-se num curto espaço de tempo - são aproximadamente 15 dias - e, na altura, quem estava no 1º de Agosto era um treinador português, o atual selecionador nacional, o professor Paulo Jorge Pereira, que precisava de uma atleta da minha posição e surgiu essa possibilidade de eu ir.

Também já tinha o meu trabalho mais estável, optei sempre por jogar em Portugal, mas, claramente, que jogar fora - não só pela experiência de jogar com atletas que têm outras características, mas também porque os campeonatos são muito mais competitivos - digo sempre às minhas colegas de equipa e de seleção que ambicionam prosseguir o desporto como uma carreira que procurem algo no exterior porque, infelizmente, em Portugal o nosso nível competitivo no andebol ainda está muito aquém. E, portanto, se queremos evoluir devemos procurar outros caminhos e outras soluções.

Como surgiu o gosto pelo andebol?

Foi meramente por acaso. Eu tinha 9/10 anos, estava no quarto ano e o clube, à época, fez um projeto com a minha escola em que as turmas do quarto ano iriam praticar andebol. Íamos ao ringue desse clube e tínhamos uma espécie de atividade direcionada para o andebol. No final do nosso quarto ano fazíamos uma competição inter-turmas e surgiu assim por mero acaso. Eu, porque era uma criança muito ativa e já gostava de desportom, acabou por ficar sempre na minha vida.

E percebeu logo que tinha jeito?

Acho que foi um bocado inconsciente. Eu era uma criança com algum repertório motor, jogava futebol, jogava andebol, jogava voleibol. Tenho ideia de o fazer na escola e de o fazer mesmo em casa, nos tempos livres, com as colegas e com os vizinhos, era uma coisa natural. Também sempre fui muito competitiva e daí ter transitado do Alfonense para o Colégio de Gaia que, à época, tinha uma estrutura muito mais organizada e tinha já a sua história no andebol.

Essa transição para algo que eu, à altura, interpretava como mais competitivo, era um passo. Depois do Colégio de Gaia para o Madeira SAD foi também com o intuito de querer melhorar, de querer jogar ao mais alto nível e saber como é que os melhores também jogam. Foi um processo natural, sem um planeamento de carreira, digamos assim.

Na seleção é uma das mais internacionais de sempre. Ponto alto terá sido a presença no Campeonato Europeu de 2024, imagino?

Sim, felizmente tenho boas memórias da seleção de formação, mesmo em termos de participações internacionais. Nas séniores uma boa memória, mas obviamente que não é uma memória do ponto de vista de resultados em si, foram pequenas conquistas que nós fomos conseguindo ao longo destes anos, mas, sem dúvida, conseguir jogar o Campeonato da Europa era um objetivo que me levou a estender a minha carreira por estes anos todos.

Não gostava de deixar de jogar sem poder representar o meu país ao mais alto nível. Sabemos que ainda estamos a dar os primeiros passos na modalidade, obviamente que não foi o esperado do ponto

de vista dos resultados, mas claro que também são o espelho do investimento do desporto feminino em Portugal e, em concreto, o andebol.

A Bebiana era a capitã de equipa. Conhece bem a seleção. Há condições para voltar aos grandes palcos?

Eu espero que sim. Há talento e, acima de tudo, há vontade das atletas. Trabalham para isso, por isso é que também muitas delas optam por deixar o país e prosseguir a sua carreira em outros campeonatos, campeonatos que são 100% profissionais e em que elas podem ambicionar a ter uma carreira 100% profissional, mas isso, por si só, não basta.

Tem que haver também um planeamento e um objetivo de queremos fazer crescer o andebol feminino e dar condições às atletas e dar oportunidades para que realmente elas possam continuar a evoluir.

Acho que em termos de políticas da federação, ultimamente elas realmente têm sido alteradas e esse também tem sido o foco. São pequenos passos, sabemos que a mudança não pode ser drástica, são pequenos passos, mas que penso que permitirão à seleção feminina manter-se nos grandes palcos. Espero que este último Europeu tenha sido o primeiro de muitos que se consiga de uma forma consecutiva.

Já agora, o que é preciso para se ser um bom capitão?

É uma pergunta difícil. Acho que é preciso ter uma capacidade de saber ouvir o grupo, compreender o grupo e também conseguir compreender a parte da equipa técnica. O capitão é determinante neste equilíbrio entre aquilo que é a sensação global do grupo e conseguir transmiti-lo à equipa técnica e também vice-versa.

Para além desta parte de ligação entre estas duas partes, também a capacidade de estar atenta, de conhecer os diferentes colegas do grupo para perceber quando é preciso intervir, é preciso dar um apoio, é preciso dar uma dura. Esta capacidade de atenção nos pequenos pormenores é determinante. E depois, acima de tudo, acabar por ser um exemplo, um exemplo de dedicação, um exemplo de responsabilidade. Acho que são características determinantes em quem desempenha o papel de capitão de equipa.

E a formação feminina está bem para continuar a fornecer a seleção AA com qualidade?

Eu espero que sim. Nós temos agora uma geração recente que fez um excelente campeonato na Europa, um excelente campeonato no Mundo, fizeram os melhores resultados de sempre. Entretanto, algumas dessas atletas já integraram a seleção AA e, claramente, que nós precisamos sempre de boas gerações que continuem a alimentar a seleção AA. Acho que neste momento, na formação, elas têm condições muito melhores que aquelas que, por exemplo, eu tive. Portanto, têm tudo, assim queiram, para poderem fornecer a seleção principal.

Já no masculino, Portugal está provavelmente na melhor fase de sempre: quarto lugar no Mundial de seniores e segundo lugar nos sub-21. Como vê estes recentes resultados?

Com extrema alegria. É sempre bom vermos a nossa modalidade a ganhar proporção, ser cada vez mais falada. Nós que somos um país que, quando falamos de desporto, é significado de futebol. Para mim, é muito bom quando esse caminho de modalidade é falado por todos, porque mesmo os mais desligados já ouviram falar ou conseguiram ver na televisão. Portanto, vejo, obviamente, com muita satisfação. Tem sido o resultado daquele que foi o investimento, ao longo, se calhar, das duas últimas décadas, no andebol masculino. E percebemos que o investimento, a longo prazo, traz frutos. Não podemos querer investir hoje e querer os resultados para amanhã ou para ontem. Leva tempo. Mas acho que é o reflexo que, se nós investirmos, essencialmente na formação, daqui a uns anos vamos poder estar a sorrir com os resultados desportivos.

Foto: Marcin Bielecki/EPA

E agora o futuro? Já sabe o que vai querer fazer?

Ainda não sei. É tudo muito recente, mas vou continuar ligada ao desporto, é certo. Obviamente que estou sempre disponível para ajudar. Há algumas possibilidades que, agora, após férias, vou pensar em novos desafios, mas, independentemente que seja de uma forma formal ou de uma forma informal, estou sempre disponível para ajudar a minha modalidade e retribuir o que a modalidade me deu ao longo destes anos todos.

Foi uma ligação de muitos anos. Tenho o grupo da seleção ainda muito próximo de mim, vou estar a auxiliá-las nesta primeira fase de uma forma já mais informal, mas vou manter esta ligação, claramente.

Especialmente jogadoras de modalidades têm dificuldades em conciliar o estudo, ou o trabalho, com o desporto. O que se pode fazer?

Gostava muito que fosse possível que uma menina que pratica desporto, seja andebol ou outro desporto qualquer, se bem que no futebol hoje em dia as coisas já são um bocadinho diferentes, mas que possa ambicionar ser profissional, assumir que quer ser profissional, que a sua profissão é ser jogadora de andebol em Portugal. Para isso há muitas coisas que precisam de mudar. Eu não sei se o caminho certo será conseguirmos profissionalizar a primeira divisão portuguesa de andebol.

Os clubes terem que trabalhar para darem condições às suas jogadoras para elas poderem ambicionar terem uma carreira a 100% no andebol ou muito próxima do 100% no andebol. Ou se, do ponto de vista das políticas, não só desportivas, mas das políticas também sociais, viabilizarmos uma carreira dual, como também se faz no estrangeiro.

Temos vários campeonatos, dos melhores campeonatos na Europa no andebol feminino em que a jogadora tem sempre a possibilidade de estar 100% e se dedicar única e exclusivamente à prática da modalidade ou ter uma carreira dual, em que a prioridade acaba por ser sempre o desporto, mas sem descurar tudo o resto, em que a atleta pode ter uma ligação a uma entidade patronal que está consciente que tem ali uma atleta e que o ritmo de trabalho e as horas de trabalho são diferenciadas e estão abrangidas por um estatuto diferente. Portanto, não sei qual é que será o caminho.

E há ciclicamente notícia de várias jogadoras que tiveram de abandonar a carreira desportiva. Seguramente, perdeu-se talento...

Sim, claramente. Lembro-me, pelo menos, uns dez exemplos de colegas minhas que, ao longo do tempo, a opção foi deixarem de jogar. E estamos a falar de atletas que estiveram nas seleções jovens, que fizeram a sua formação sempre ao nível das seleções, que chegaram também a ser internacionais.

E que depois, a um determinado momento, como a vida não passava por irem jogar para fora, porque também queriam permanecer na sua profissão, tiveram que optar por deixar de jogar porque estava a ser muito difícil conciliar os dois mundos. E obviamente que o andebol, como não tem o retorno financeiro que uma outra profissão neste momento pode ter, as pessoas acabam sempre por optar por deixar o desporto para trás.

Para fechar, ídolo de sempre?

A jogadora que mais me marcou foi a Heidi Loke, uma pivot norueguesa, que apesar de já ter retirado alguns anos da seleção, só o ano passado é que deixou de competir.

E agora melhor sete com que jogou, consigo em campo, claro

Relativamente ao sete ideal, e sendo que eu tenho que me incluir... Começando com a guarda-redes, a Virgínia Ganal. Depois, ponta-esquerda, Ana Seabra. Como lateral-esquerdo Marta Loureiro. Como central é complicado, Mariela Gonçalves. Como lateral-direito Maria Pereira e como ponta-direita, Patrícia Rodrigues.

Andebol feminino

Carlos Calaveiras

Portugal perde no Europeu de andebol de praia

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	14/07/2025
Meio:	RTP Online	Autores:	Mário Aleixo

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=5200744f

Portugal terminou em sexto lugar em masculinos e em 10.º em femininos o Campeonato da Europa de andebol de praia, despedindo-se com duas derrotas das areias turcas de Alanya.

Apesar do desaire com a França (2-1), no "shoot-out" (desempate por penalidades), a seleção masculina sai da Turquia qualificada para o Campeonato do Mundo, que vai decorrer na Croácia, em 2026.

A Federação Internacional de Andebol (IHF) abriu sete vagas europeias para o Mundial (para além do organizador) e, por isso, Portugal vai voltar a uma competição na qual fez história em 2024, quando conquistou uma inédita medalha de bronze.

Portugal procurava somar o terceiro top 5 europeu consecutivo e até começou bem, com um triunfo por 21-14 no primeiro set, mas a França respondeu no segundo com uma vitória por 15-14, que levou a decisão do encontro para o desempate por "shoot-out".

No desempate, depois de 10 remates certeiros de parte a parte, eis que chegou a segunda volta, em que qualquer erro seria fatal.

Oito tentativas depois, para cada lado, e ainda sem que nenhuma das seleções tivesse falhado qualquer remate, Tomás Van-Zeller viu o guarda-redes francês levar a melhor e tudo ficou nas mãos de Baptiste Dubois, que não desperdiçou (9-6).

Mário Aleixo - RTP

Campeonato Europeu Universitário de Andebol joga-se na Covilhã entre os dias 22 e 28

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	14/07/2025
Meio:	Rádio Clube da Covilhã Online	Autores:	Gina Almeida

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e8b7f3d2

De 22 a 28 de julho a Covilhã recebe o Campeonato Europeu Universitário de Andebol 2025, um evento organizado pela Associação Académica da Universidade da Beira Interior, em conjunto com a Universidade da Beira Interior, a Federação Académica do Desporto Universitário (FADU) e a Associação Europeia do Desporto Universitário (EUSA).

O evento vai reunir 24 equipas, 12 masculinas e 12 femininas, de nove países: Alemanha, Portugal, Espanha, França, Hungria, Turquia, Noruega, Croácia e Roménia, e será terá lugar nos Pavilhões da Universidade da Beira Interior (UBI) e no Pavilhão Municipal INATEL.

Ao todo, espera-se a presença de cerca de 600 participantes, entre atletas, treinadores, dirigentes e voluntários.

Segundo frisa a organização, em nota de imprensa, para acolher o evento com todas as condições, os pavilhões da UBI foram alvo de obras de melhoria, "que deixarão um legado importante à comunidade académica e desportiva da cidade".

"Este campeonato destaca-se pelo seu forte compromisso com os valores da igualdade, responsabilidade social e sustentabilidade", sublinha a organização, destacando, de entre as iniciativas promovidas, a realização de um torneio de andebol em cadeira de rodas, uma ação de reflorestação com mais de 5.000 árvores plantadas, e medidas de redução de impacto ambiental durante o evento.

"A realização deste campeonato afirma a Universidade da Beira Interior e a cidade da Covilhã como referências no panorama do desporto universitário europeu, e mostra como é possível organizar grandes eventos com visão e envolvimento da comunidade", concluiu a nota.

Partilha isto:Click to share on WhatsApp (Opens in new window)More

Related

Gina Almeida